

Cita bibliográfica: Anónimo (Bento Morganti) (Ed.): "Num.º 11", en: *O Anonymo. Repartido pelas semanas, para divertimento e utilidade do publico*, Vol.3\011 (1754), pp. 89-96, editado en: Ertler, Klaus-Dieter / Fernández, Hans (Ed.): Los "Spectators" en el contexto internacional. Edición digital, Graz 2011-2019, hdl.handle.net/11471/513.20.4526

N.º 11

Discriçam Allegorica do Estado; do Homem no mundo.

ENtre (sic) as figuras que compoem a excellente arte da Rhetorica, a melhor, e a mais agradável pode ser a allegoria, porque com ella se explicam sem muito enfado as coizas verdadeiras debaxo do veo de alguma idea extravagante; e tambem porque sem o beneficio desta figura fica muitas vezes dificultosa a mesma explicaçam, e escuro o conhecimento do qu se quer persuadir. Della para este effeito se serviram os melhores authores da antiga latinidade, e ainda della se servem os modernos; os melhores oradores de todos os seculos; com ella se representam mais medonhos os vicios, e se mostram mais amaveis as virtudes: e finalmente debaxo desta figura se mostraõ mais claramente, e com mais liberdade as couzas, e as pessoas como na verdade sam. Como o estado do homem neste mundo se não pode meudamente explicar com todas as circunstancias inseparaveis da sua existencia, da sua natureza, e da sua sociedade, determino ao menos dar esta idea em forma allegorica que possa divertir o leitor, por ser esta a menos enfadonha, e a mais certa: as reflexoens sore o que disser, fiquem da sua parte, que não são demaziadamente dificultozas, e lhe podem ser bastantemente uteis.

A entrada do homem neste mundo, a que commumente se chama *Nascimento*, não he outra coiza mais, que a sahida de hum paiz muito desconhecido, para entrar depois em outro igualmente ignorado, e de todo estranho. Nelle quando chegamos não conhecemos pessoa alguma, e rezidimos sempre sem que tambem nos conheçamos. Passados alguns annos depois da nossa chegada a esta terra, ou por necessidade, ou muitas vezes por temor, e desconfiança, nos associamos huns com os outros, mas sempre sem conhecermos pessoa alguma, e quazi ordinariamente sem hum amor reciproco. Isto não obstante com o tempo nos familiarizamos com todos os homens, e no fim sahimos deste mesmo paiz quazi sempre sem nos conhecermos.

Depois desta nossa entrada nesta terra, duas pessoas que tiveraõ a incumbencia de nos conduzir para ella, estaõ igualmente encarregadas nos instruir. As pessoas se chamaõ Pays, e a instrucçam que nos devem dar *educaçãõ*.

Esta educaçãõ propriamente falando, não he outra coiza mais que a inspiraçãõ dos sentimentos, dos modos, e das qualidades destas duas pessoas: e esta inspiraçãõ se faz com o socorro do amor proprio. Todas differentes, e ao mesmo tempo commuas entre si: mas sempre tem, diga cada hum o que quizer, o amor proprio por fundamento; e este mesmo amor proprio toma diversas formas segundo os homens, que o empregãõ. Com o tempo parece, que certos homens se desfazem da sua educaçãõ; mas isto não he senaõ para agradar a hum amor proprio prevertido.

Nossos Pays tem, ou devem ter todo o cuidado de nos dar huma idéa de hum ser, que elles conhecem pouco, e que governa huma dilatada extençãõ de paiz, de que o nosso faz tambem parte. A este grande paiz se chama Universo, e este ser se chama DEOS; a este servem os ho- mens de differentes modos, mas na verdade não ha mais que hum culto que seja verdadeiro, e que lhe agrade ao qual se chama a *Religiãõ Catholica, e Apostolica Romana*.

Na Religiãõ em genero, cada hum tem seus Deozes subalternos, e viziveis (porque o Soberano he invisivel) e estes Deozes tem differentes nomes; e facilmente os mudaõ segundo os projectos que delles se fazem.

Depois de termos habitado por alguns annos o mundo, se unem ao amor proprio outras duas guias differentes; huma he a *oppiniaõ*, e a outra o *interesse*, as quaes nunca nos deixaõ.

Hum dos principaes Deozes subalternos he a *fortuna*, fantasma enganadora, que com muita brevidade aparece, e tambem dezaparece. Todos della falaõ, cada hum a busca, e ninguem a vê: e por isso della não podemos dizer coiza mais certa, senaõ que he huma verdadeira fantasma: e com tudo esta mesma fantasma he cruel, e injusta; porque incrivelmente nos atromenta, e muitas vezes nos tira os sentimentos da Religiam, e da verdadeira virtude.

Ella se introduz em nós pelo *espírito*, e deste se adianta muito mais buscando outra residencia, de donde não sahe senão violentamente, e com grande força, que he o *coração*.

Agora vejamos os diversos tormentos com que a fortuna afflige os homens. Esta se conforma com o amor proprio, e nos entrega a *aparencia*. A apparencia ordinariamente não persuade aos homens outra couza mais senão que elles se podem servir della com muito mais comodidade do que da virtude. Illucina a nossa imaginação, e e desconcerta com chimeras agradaveis, e ao mesmo tempo horrozas. Bem se podem estas chimeras pintar como mininos com azas, e com dous rostos; mas falemos de hum modo mais claro, e mais natural; estes objectos chimericos, são as riquezas, e os cuidados. Tem azas, porque voaõ sem parar, e deixaõ naquelles que as possuirão hũa impressão da sua companhia, que se chama cobiça: Chamaõ-se mininos, e os cuidados constituiaõ sempre muito fraca, e muito ardente.

Continuamente se offerecem victimas á fortuna, sem que com taõ repetidas oblaçoens se possa vencer o seu furor. Estas victimas são de todas as idades, de todas as condiçoens, e de todas as especies: como são *os parentes, os amigos, os estranhos, os tolos, e os mal procedidos*: mas de todas estas victimas as dos *amigos* são as que se sacrificão com mais frequencia, e com menos remorso, e mais liberdade.

Não ha razaõ para se chamar á fortuna inconstante, porque ella nunca se muda, he sim malicioza, e gosta muito de perseguir os seus devotos. A mais cruel das suas perseguiçoens he apresentar-lhes com hũa luz falça, e em certa distancia objectos admiraveis, mas nenhum delles solido: e os mais espertos, e mais cubiçoços são os primeiros que se enganaõ. Por certas regras da optica, e da prospectiva dispoem de tal sorte estes objectos, nos Templos aonde concorem em grande numero os seus adoradores, que os rayos da luz lhos representaõ à vista como coizas de hum preço inestimavel, correm para esta luz, e quando a ella chegaõ já não vem coiza alguma: e não achaõ senão huma nuvem grossa, e hum espeço fumo.

Tem tambem a fortuna ainda outros meios de perseguir os homens, que todos tem a mesma efficacia; e o que tem melhor effeito, he o de arruinar huns com os outros, e algumas vezes a huns, e a outros tudo junto.

He o mundo hum paiz de exercicio; e as profissoens que nelle se exercitaõ são como carreiras, as quaes tem diversos nomes, e differentes uzos. Ha huns por donde se corre sem fim aparente, e parece que he só por correr: mas quasi todas tem seu fim vizivel. As nossas guias nos dirigem para alguma destas carreiras; por ellas algumas vezes se chega ao meyo do caminho sem se poder acabar, e se se chega ao fim, a fortuna vai dilatando, e estendendo o mesmo fim a que parece tinham os chegado: e esta não he a menor, e menos violenta das suas persiguiçoens. Encontram-se muitas vezes outros que correm mais exercitados, mais vivos, e mais subteis, e entaõ com armas se disputa o terreno, as quaes são as *subtilezas*, e os enganos; e alguns dos espectadores neutros lhe daõ hum nome equivoco chamando-lhe *vivezas de espirito, e golpes de habilidade*; e o que perde he reputado por pouco esperro, e delle se não fala mais. O que vence continúa para diante em querer chegar ao fim, mas com que adversarios lhe não he ainda percizo contender antes que de todo se faça senhor do campo? Vé aparecer em alguma distancia dous inimigos destes bem exercitados, e sendo ambos igualmente perigoços, e caprichozos, ambos cuidaõ em lhe prejudicar. Hum delles o suscitaõ as nossas mesmas guias o *amor proprio, o interesse, e a oppiniam*, e com tudo não parece taõ terrivel, antes pelo contrario tem hum ar rizonho, e honesto, parece fraco, e minino, mas he esperto, e subtil, ainda que as suas armas sejaõ sômente hum medo delicado de persuadir tudo quanto quer: he agil, e toma diversas fórmas, e falta de huma para outra carreira com huma ligeireza admiravel. Agarra sempre alguém, e o leva por caminhos desviados, de dificultozos de que se achaõ cercadas as carreiras, e entaõ he que o abandona, e dezempara, depois de o ter enganado muito bem.

Neste desvio, toda a consolaçaõ que fica ao que corre he conhecer o seu contrario, de o reconhecer diante de si debaxo de outra fórma, e que ordinariamente o não pôde largar, que taõ agradavel o acha! Desta sorte he que o fim aparece, e dezaparece alternativamente pelos agradaveis aspectos do erro. Neste embaraço invencivel aparace o outro contrario austero, e inexoravel, acomete o que corre, atira com elle fóra do caminho, e fica sem esperanças de recuperar o mesmo sitio.

Este ultimo contrario he a morte, inimiga declarada de todos os nossos projectos Ao sahir declarada desta carreira entaõ he que nos achamos em outro paiz extraordinario, hum dia eterno o illumina, e he tambem cercado de espessas trevas. Nelle vamos certamente habitar ou nas trevas, ou na luz segundo o procedimento que cada hum teve neste mundo, e he o ultimo fim do homem, estando em seu arbitrio elleger qualquer destas habitaçoens, sabendo que qualquer que seja sempre hade ser eterna .